

Teresa Balté



Curadoria: Carlos Cabral Nunes





Sem Título
Técnica mista s/ papel,
57,5 x 46,5 cm, 1968

Na capa: **Sem Título**, Técnica mista s/ papel, 50 x 41 cm, 1985

Teresa Balté, poeta e pintora

Comecei por ler a sua prosa, um conto infantil em que um azul igualitário em vez de iluminar, obscurecia o coração das pessoas... Percebi que o espírito de Teresa ambicionava a diferença, a liberdade, e nunca se deixaria dominar, como se verificou na sua vida, na sua arte. O conto era já antecipação, exemplo.

Na poesia encontrei ainda outro olhar: atento, por vezes distante na imagem escolhida, severo, na rigorosa escolha das palavras certas, ou mesmo até certas. Palavras como setas, alternando com reflexões abertas, como na lírica de intuição oriental.

Se na poesia já se sentiam as marcas de um imaginário livre, na sua pintura, sobretudo nas aguarelas de colorido e formas por vezes quase transparentes, esse imaginário passou a conduzir-nos por estranhos países, paisagens de contornos de surrealismo lírico, se assim se pode chamar uma produção que por trás do desenho esconde, forma e deforma cores e rostos que nascem ou da sombra ou da luz, ou de ambas em simultâneo, pois os seus quadros têm, como na vida vivida, luz e sombra, formações cristalinas, deformações de pesadelos ou súbitos arquétipos nocturnos: as flores levitam, as

borboletas caem, um rosto procura outro que subitamente surge, e se oferece.

Abundam nesta fase corpos celestes, olhos que, imensos, olham, não para ver mas para encontrar um espaço que lhes possa servir de órbita e de centro e dentro do centro um ponto que seja início, tal como foi início o primeiro dos pontos do Universo.

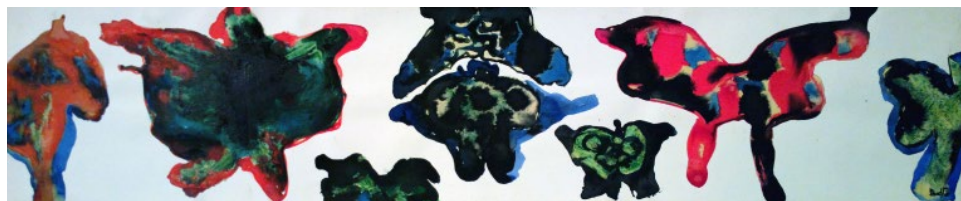
Toda a arte encerra uma dimensão oculta, simbólica, arquetípica. A abundância de pontos, entre as cores e as formas e por vezes até o afunilamento de algum traço mais denso, levanta uma questão: algo ali se interroga, algo nos interpela, algo exige que se pare e medite, ainda que se possa ficar perdido e sem resposta. Não saberemos para onde se dirigem os sapatinhos vermelhos, nem por que razão o Anjo tem asas tão pequenas...

Ao artista não cabe dar respostas.

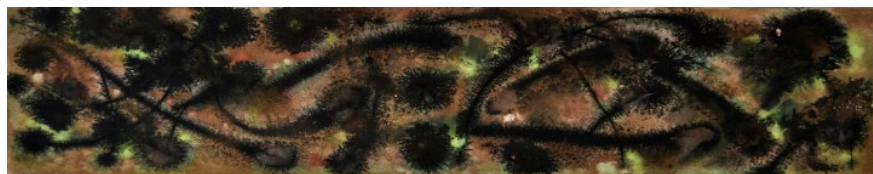
Em Teresa Balté, na sua poesia, como na sua pintura, encontro uma interrogação não satisfeita. Marca de um verdadeiro criador: pois o que depressa se satisfaz, depressa se esgota.

E no seu caso o que podemos descobrir e contemplar, uma e outra vez, é o prazer da Obra Aberta: amplia, não limita.

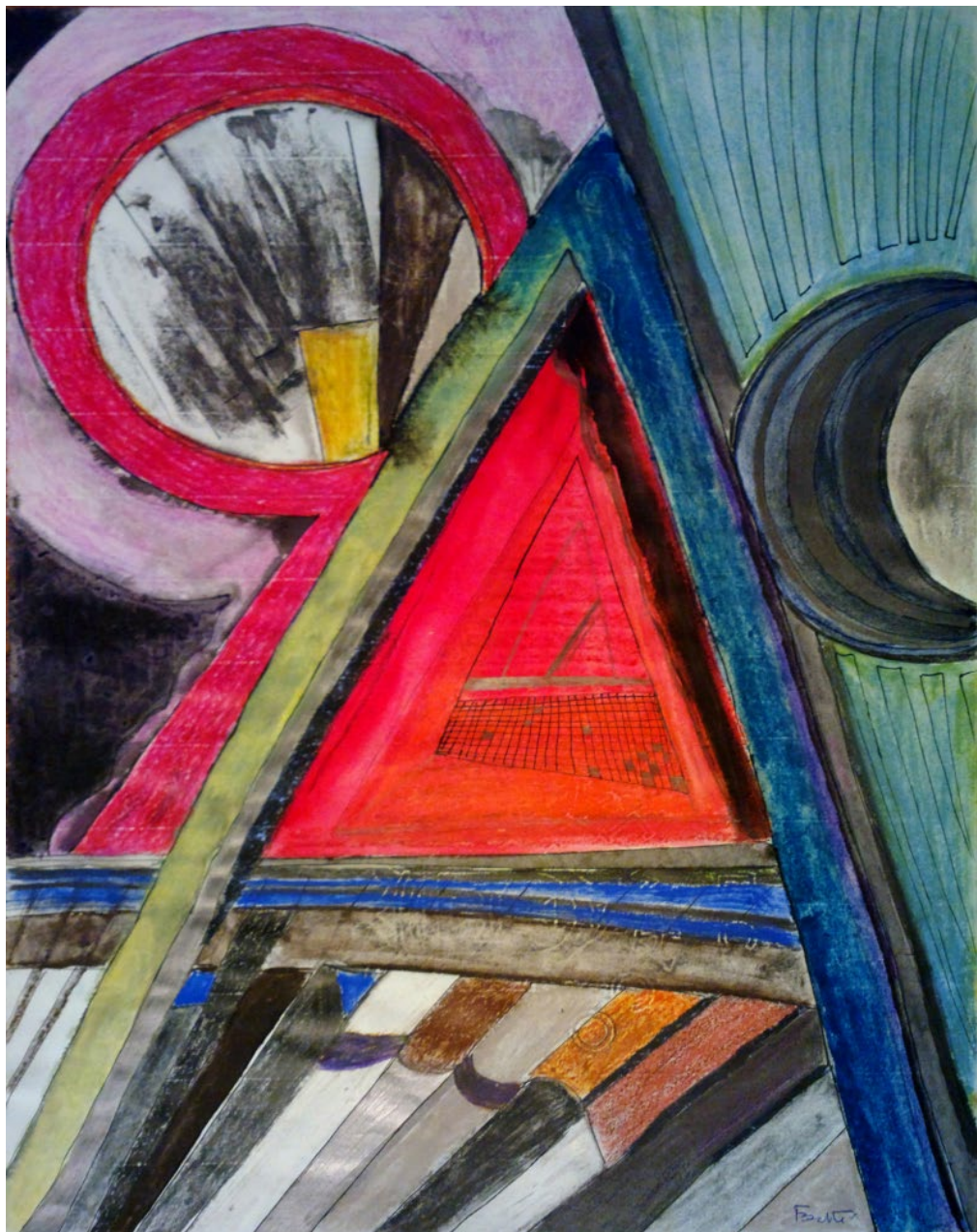
Y. K. Centeno
Lisboa, 2018



Schmetterlinge / Borboletas
Técnica mista s/ papel,
11,3 x 54,5 cm, c. 1968



Paisagem 1, 2, 3, 4, 5 e 6
Técnica mista s/ papel,
11,5 x 54,5 cm, c. 1968



Sem Título
Técnica mista s/ papel,
45 x 34 cm, c. 1968



Sem Título
Técnica mista s/ papel,
54 x 11,5 cm, c. 1968



Sem Título
Técnica mista s/ papel,
55 x 11,5 cm, c. 1968



Printemps / Primavera
Técnica mista s/ papel,
56 x 11,5 cm, c. 1968

A sustentável destreza do ser

Poderia dizer-se, ante as aguarelas de Teresa Balté, que estas imagens contam algumas histórias; eu prefiro pôr a fórmula ao contrário e dizer que «são as histórias que contam estas imagens». De facto, mais do que uma narração a ilustrar-se ou a ser ilustrada, o efeito que elas produzem é antes o de uma ilustração a engendrar-se indissociavelmente de um fluir narrativo, identificável mas não verbalizável.

Dir-se-ia em seguida que esse fluir é textural e textualmente espacial, isto é, ondula-se e ondula num espaço que é a sua própria matéria dinâmica, e que esse espaço gera, na superfície da sua própria elasticidade, as formas que apresenta; mas o mesmo espaço é também matriz, pelo que tais formas participam de uma peculiar visceralidade dele.

Daí uma íntima unidade de toda esta matéria dinamizada continuamente: bestiário ou exorcismo, compulsividades de um modo para- ou pré-onírico ou simples explosão lírica, as fronteiras entre os seres e as suas representações tornam-se um mero flagrante dessa fluidez surpreendida, em que mãos e pés, peixes e máscaras, estranhas aves e flores, animais inominados, valem menos como representação de vários graus de uma cadeia do fantástico, do que como a espiral dos efêmeros instantes de um curso ciclicamente entregue e reversível: qualquer ponto corresponde ao começo, ou ao meio, ou ao fim de uma fábula para crianças grandes e ensimesmadas, que lhes conta dos modos da passagem de tudo a tudo.

Daí também, e na contramão, uma perturbante diversidade: a exploração das virtualidades de um real narrando-se em perpétua mutação ondulatória e tensional, corresponde afinal às sucessivas e obsessivas variações de um tema musical em que cada estado engendre o seguinte. A toda a variação corresponde uma alteração. Às mais célebres da história da música, Beethoven chamou «Veraenderungen», talvez sem reparar em que estava a implicar as metáforas da metamorfose...

Vasco Graça Moura
catálogo da exposição no Clube 50, Lisboa 1986



Sem Título
 Monotopia,
 67,5 x 90 cm, 1968



Sem Título
 Técnica mista s/ papel,
 59 x 82 cm, 1968

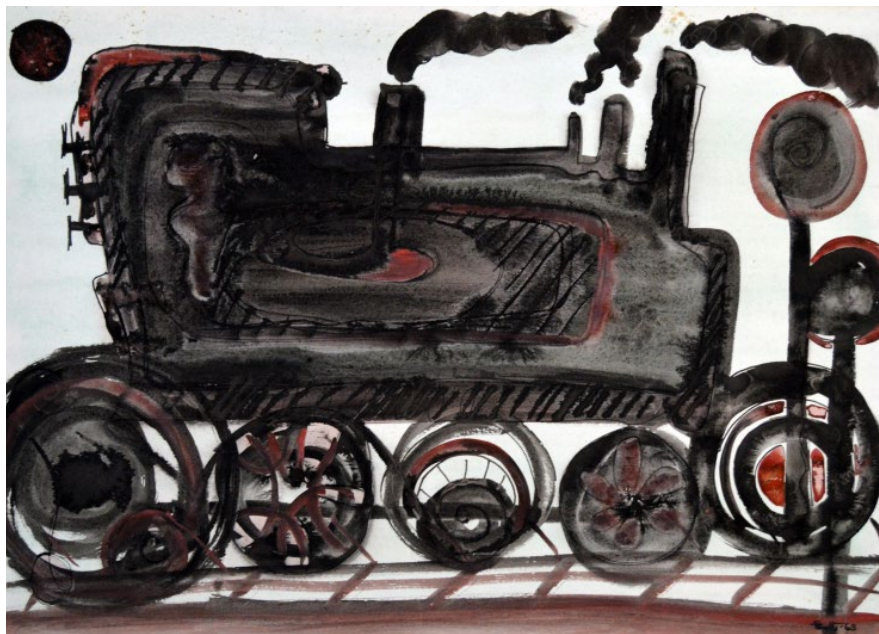


Sem Título
Técnica mista s/ papel,
90 x 67,5 cm, 1968

“Irrompendo de um imaginário muito forte e preenche de visões, nestes desenhos coabitam fantasmas, máscaras, bichos, homens, mulheres, estrelas, flores (...) É a fluidez e a liquidez do discurso visual que se concretiza em cada imagem. Numa espécie de cristalização do que não é cristalizável nunca. Numa espécie de vertigem amorosa e apaixonada pela imediatidade do correr das formas e das cores. Mas sobretudo pela curiosidade do que irá acontecer a seguir. Pela descoberta.

O processo é praticamente automático, espontâneo. De um automatismo próximo da atitude surrealista, pelo poder de desencadear enquanto estímulo a fluência de formas em catadupa, quase em cataclismo permanente.”

Cristina Azevedo
catálogo da exposição na Galeria Bertrand do Chiado, Lisboa 1988

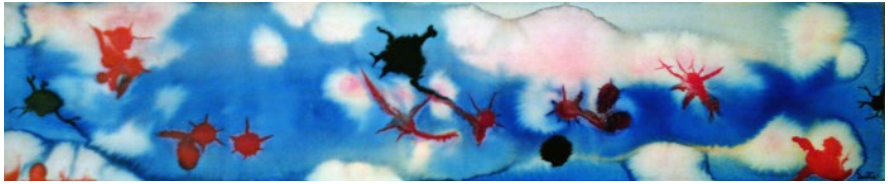


Sem Título
Técnica mista s/ papel,
43 x 60,5 cm, 1968

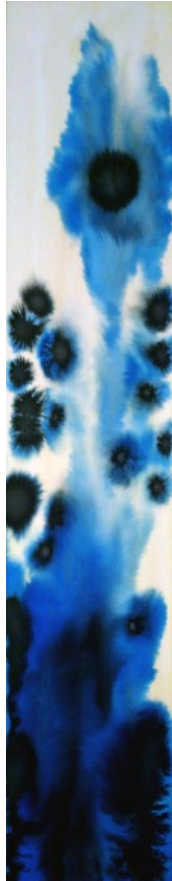
Desjejum

Esta manhã na rua, a dois passos, os olhos ficaram-me encahados numa ambulância da firma Transvida e num anúncio num placard móvel de uma companhia de seguros. – Atravessei a rua sem olhar para os lados – sic transit... – e entrei no meu destino para um café rápido

Teresa Balté
poemas inéditos



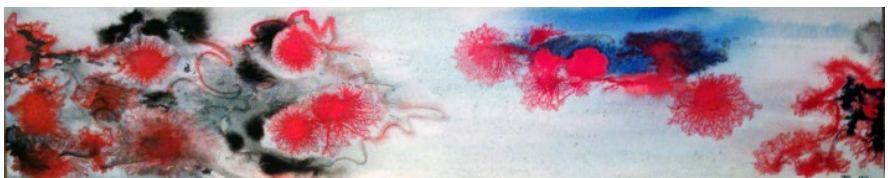
Himmelskörper I / Corpus Celestes I - Técnica mista s/ papel, 11,5 x 54 cm, c. 1968



Himmelskörper 2 /
Corpus Celestes 2
Técnica mista s/ papel,
54 x 11,5 cm, c. 1968



Himmelskörper 3 /
Corpus Celestes 3
Técnica mista s/ papel,
54 x 11,5 cm, c. 1968



Himmelskörper 4 / Corpus Celestes 4 - Técnica mista s/ papel, 11,5 x 54 cm, c. 1968



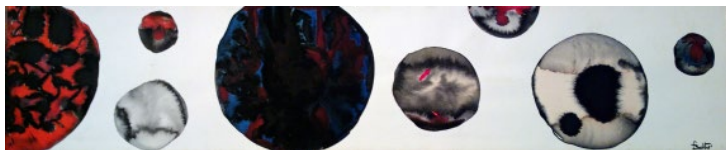
Sem Título
Técnica mista s/ papel,
90 x 68 cm, 1968



Himmelskörper 6 / Corpos Celestes 6
Técnica mista s/ papel,
11,5 x 54,5 cm, c. 1968

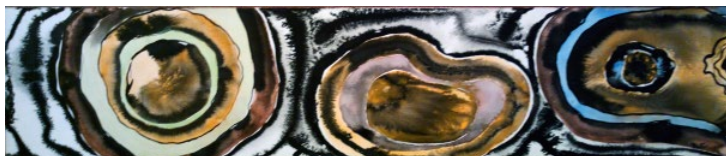


Sem Título
Técnica mista s/ papel,
11,5 x 54,5 cm, c. 1968



Sem Título

Técnica mista s/ papel,
11,5 x 54,5 cm, c. 1968



Sem Título

Técnica mista s/ papel,
11,5 x 54,5 cm, c. 1968



Espíritos

Técnica mista s/ papel,
12 x 54 cm, c. 1968



Sem Título

Técnica mista s/ papel,
34 x 45 cm, c. 1968

D. Quixote

Quem é o menino que brinca lá fora com um papagaio e não com uma espada? Desde que o vi pela primeira vez conquistou-me. Desde que o vi na manhã enevoada, correndo na relva perplexo, tentando lançar o papagaio ao ar, no céu sem vento

Teresa Balté
poemas inéditos



Sequências I

Técnica mista s/ papel,
10,5 x 50 cm, c. 1968



Sequências II

Técnica mista s/ papel,
10,5 x 50 cm, c. 1968



Sequências III

Técnica mista s/ papel,
10,5 x 50 cm, c. 1968

Autocrítica no restaurante chinês

Diz a mulher: Não sou costureira nem estilista – não sei a que propósito. Penso, será isso que faço quando escrevo? Jogos? Ociosamente coser e descoser sons e ideias? – Na outra mesa o homem argumenta: Come, antes que os crepes fiquem frios. – Não, os crepes estão queimados! – Pouso a esferográfica ao lado da tijela e recomeço a mastigar o chop-soy

Teresa Balté
poemas inéditos



Sem Título
Técnica mista s/ papel,
45 x 34 cm, c. 1968



Acção
Técnica mista s/ papel,
44 x 61,5 cm, 1968



Sem Título
Técnica mista s/ papel,
57,5 x 46,5 cm, 1968



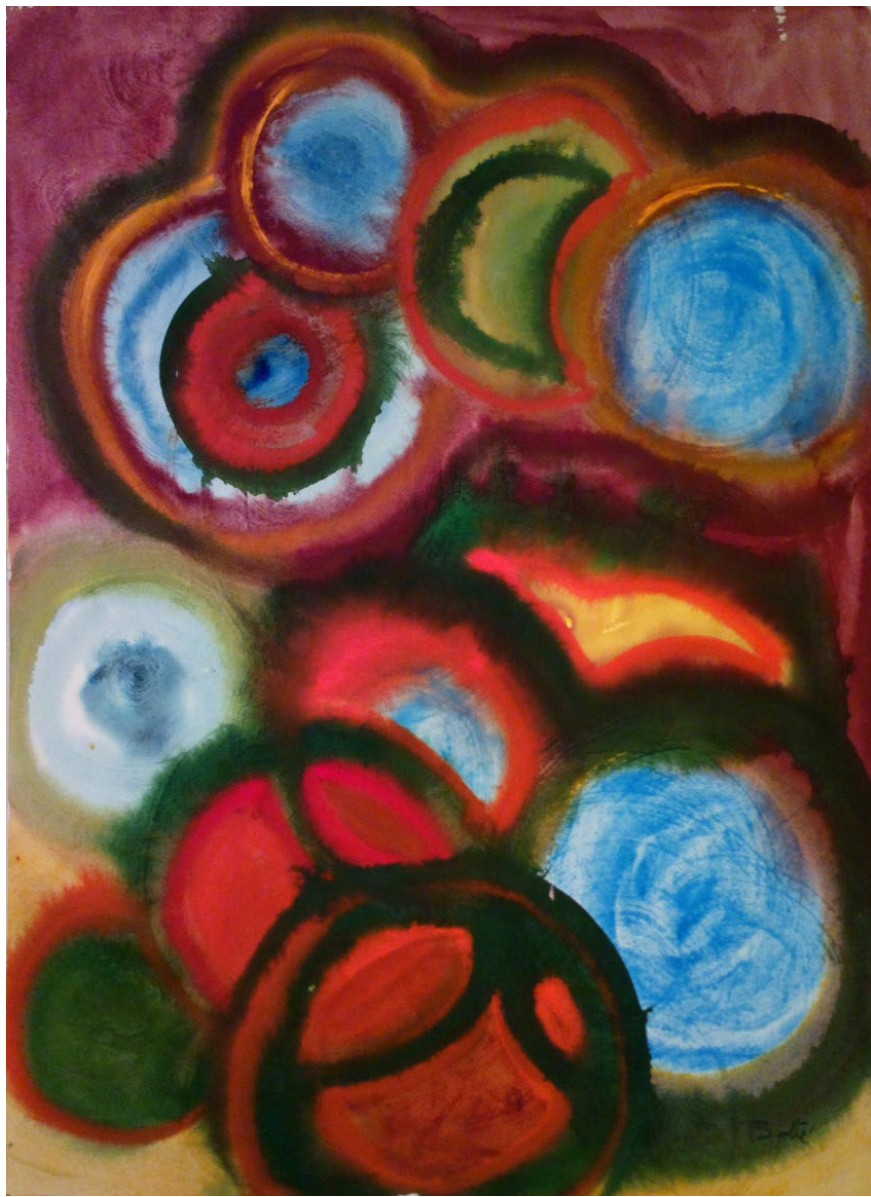
Sem Título
Técnica mista s/ papel,
45 x 34 cm, c. 1968



Teia
Técnica mista s/ papel,
90 x 67,5 cm, 1968



Sem Título
Técnica mista s/ papel,
45 x 34 cm, c. 1968



Sem Título
Técnica mista s/ papel,
47 x 34 cm, c. 1968



Sem Título
Técnica mista s/ papel,
45 x 34 cm, c. 1968



Sem Título
Técnica mista s/ papel,
45 x 34 cm, c. 1968



Sem Título
Técnica mista s/ papel,
86 x 61 cm, 1968



Sem Título
Técnica mista s/ papel,
86 x 60,5 cm, 1968



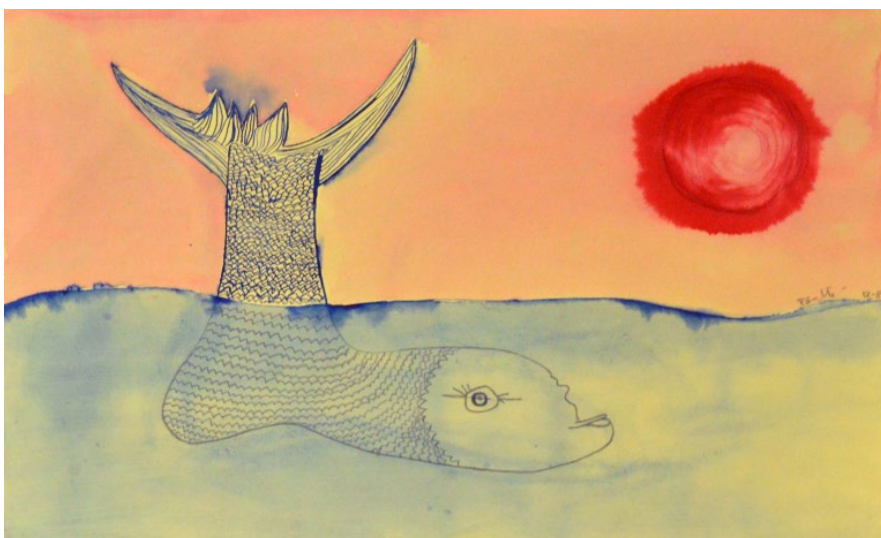
Cidade

Técnica mista s/ cartolina,
8,6 x 58,5 cm, 1971



Estruturas

Técnica mista s/ cartolina,
8,6 x 58,5 cm, 1971



O Pé Feliz

Técnica mista s/ papel,
25 x 38 cm, 1984



Máscara com Luva
Técnica mista s/ papel,
36,5 x 28 cm, 1984



Muro I
Técnica mista s/ papel,
37,5 x 25 cm, 1985



Muro II
Técnica mista s/ papel,
37,5 x 25 cm, 1985



Nuvem
Técnica mista s/ papel,
25 x 37,5 cm, 1985



Zwillinge / Gémeos
Técnica mista s/ papel,
37,5 x 25 cm, 1985



Der Tag und die Nacht / O Dia e a Noite
Técnica mista s/ papel,
50 x 37,5 cm, c. 1984



Der Mäher / O Ceifeiro
Técnica mista s/ papel,
53 x 37,5 cm, 1985



Sem Título
Técnica mista s/ papel,
48 x 35 cm, 1985



Brunnen / Fonte
Técnica mista s/ papel,
50 x 37,5 cm, 1985



Der Surfer / O Surfista
Técnica mista s/ papel,
50 x 37,5 cm, 1985



Metamorfose
Técnica mista s/ papel,
50 x 35 cm, 1985



Sem Título
Técnica mista s/ papel,
25 x 37,5 cm, 1985



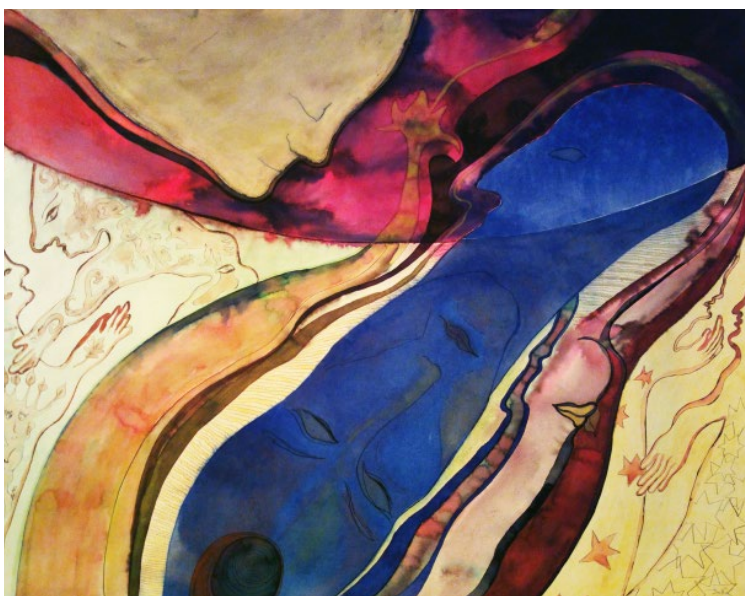
Totem
Técnica mista s/ papel,
25 x 37 cm, 1985



Sem Título
Técnica mista s/ papel,
50 x 37,5 cm, 1985



Die Mauer / O Muro
Técnica mista s/ papel,
37,5 x 50 cm, c. 1985



Sem Título
Técnica mista s/ papel,
37,5 x 50 cm, 1986



Der Baum / A Árvore
Técnica mista s/ papel,
50 x 37,5 cm, 1985



Sem Título
Técnica mista s/ papel,
40 X 40 cm, 1986



Die Stimme / A Voz
Técnica mista s/ papel,
48 x 35 cm, 1986



Sem Título

Técnica mista s/ papel,
37,5 x 50 cm, 1987

Pintar as coisas.

Restaurar as ilusões, soltando a perspectiva ou conjugando água e fogo, tinta e nervo. Exercitar a imaginação elástica. Desaguar na enseada dos símbolos.

Depois cortar a corda apodrecida e naufragar o papel nos mares da China.

Recriar então o caos ou recreá-lo. Colar noutros espaços os lugares. Olhar pelo golpe entre as pálpebras ou pelas cicatrizes que corrompem o tronco do homem e da árvore, a folha-pluma-alma... até à náusea.

Gritar de novo. Já não cantar de manso. Porque a boca secou e o discurso é artificial e artificioso.

Descolar então. Voar sem rumo.

Pelos labirintos da vertigem. Pelo absurdo de não haver absurdo. Pela refluxa nostalgia do abscondito.

Descolar ligeiramente as retinas.

Teresa Balté
catálogo da exposição no Clube 50, Lisboa 1992



Sem Título

Técnica mista s/ papel,
50 x 33 cm, 1987

Perspectiva de Pombal

Do alto do parque, a cabeça da estátua espumando Sagres, Carlsberg ou sucedâneas. A brônzea cabeleira postiça, emproada, de um império, um empório – A pátria Portugal, como a cidade em declive, gananciosamente afundando-se na areia movediça, no leito lodoso do rio subterrâneo sobre o qual o marquês quis assentar Lisboa nova, à prova de terramotos. – Suave, o cartaz em cenário não infere nada, não propaga partidos, acusa ou protesta, só publicita o mar e a cerveja. – Um cão raivoso dorme, ou um leão – sem estrela

*Teresa Balté
poemas inéditos*



Sem Título
Técnica mista s/ papel,
35 x 48 cm, c. 1986



Sem Título
Técnica mista s/ papel,
35 x 50 cm, 1986



Sem Título
Técnica mista s/ papel,
33 x 50 cm, 1987



Profeta
Técnica mista s/ papel,
37,5 x 50 cm, c. 1987



Der Engel / O Anjo
Técnica mista s/ papel,
37,5 x 50 cm, c. 1986

Rapina

O grito rouco do gaio comedor de nêsperas e de pequenos pássaros, quase gato, de lista azul na asa branca e negra, corpo castanho e bico de âmbar. – A surpresa que em Junho veio visitar o pátio, porque o fogo posto na floresta devorou as árvores e os pequenos gaios

Teresa Balté
poemas inéditos



Constelações
Técnica mista s/ papel,
50 x 65 cm, 1986

Meio-dia

Cheira a pinheiros e erva-doce. A neblina dourada desliza até aos vales, pousa no rio selvagem. Os cumes redondos, recortados por coroas de abetos e de choupos, olham-se nos olhos. À direita uma nuvem estende os dedos brancos, à esquerda uma maçã cai da árvore, rola, e uma borboleta voa sem comentários

Teresa Balté
poemas inéditos



Sonho
Técnica mista s/ papel,
60,5 x 50 cm, 1987



Sem Título

Técnica mista s/ papel,
50 x 42 cm, 1987



A Noite

Técnica mista s/ papel,
50 x 38 cm, 1987



Ícaro

Técnica mista s/ papel,
37 x 45 cm, 1987



Der Sterndeuter / O Astrólogo

Técnica mista s/ papel,
56 x 46 cm, 1987



Jarra
Técnica mista s/ papel,
50 x 38 cm, 1987

Uma crónica

O Instituto Camões convida-me a escrever sobre o período que ensinei no estrangeiro. Foi há quase 30 anos. Num tão grande intervalo muita coisa acontece: a memória constrói as suas histórias, os tempos mudam, as gerações. Uma crónica anacrónica, talvez. Ainda importa?

Em fins de 1978 procurava trabalho fora do país. No Diário Popular deparei com um anúncio do então Instituto de Cultura Portuguesa procurando leitor. Prevendo um posto remoto pouco apetecido, pois o pedido era tardio no calendário lectivo, dirigi-me ao endereço indicado, na D. João V. Informaram-me: a Eötvös Loránd Tudományegyetem solicitava um docente. Por ainda não haver leitorado de português oferecia uma bolsa a um equiparado a leitor.

Budapeste! Os acasos da vida ou as coincidências... Um ano antes o Rudolf Lind apresentara-nos um professor húngaro que vinha para Lisboa estudar a língua lusa. Zoltán Rózsa, que pretendia criar na ELTE um departamento de português, empenhara-se aqui sobretudo na divulgação da poesia, convencendo vários portugueses a traduzir Petöfi, Ady, Illyés, József, Radnóti, Weöres... Com a ajuda da sua tradução literal, de dicionários e de versões noutros idiomas eu fora um deles. Obtive o lugar. Cheguei à capital da Hungria no Inverno. Esperavam-me. Passadas as formalidades fronteiriças, conduziram-me através de uma paisagem de neve pontuada de corvos e de estradas quase desertas até à casa onde a universidade me instalara. No dia seguinte o Departamento de Italiano, que ainda albergava os lusitanistas, acolheu com gosto o cidadão nativo que aos cerca de 30 estudantes falaria sem sotaques exóticos petrarquianos, cubanos ou brasileiros – embora a aprendizagem do português tivesse a par da razão filológica o forte e menos purista objectivo económico dos contactos com África. Eu não sabia húngaro, excepto algumas palavras mais usuais em literatura que na vida quotidiana. Com os colegas improvisava italiano e comunicava no meu idioma; com as outras pessoas tentava o que sabia: alemão com as mais velhas, inglês com as mais jovens, gestos em último recurso; desaconselharam-me falar russo, que eu aliás não falava, porque embora de ensino obrigatório nas escolas era idioma non grato. Arriscava por vezes repetir em magiar cortesias aprendidas de ouvido como «muito obrigado», «bom dia», «passou bem?» etc. com o resultado de desencadear diálogos insustentáveis. Quando tive lições de húngaro descobri que

algumas vezes cumprimentara com a expressão «beijo-lhe a mão» cavalheiros demasiado bem-educados para sorrir e me desdizer. Gostaria de ter podido conversar com toda a espécie de gente, sem filtragens, sem desconfianças. Nunca vivera num país socialista. Não cheguei a aprender o suficiente. Excelentes linguistas eram os meus alunos. Curiosos, cheios de observações, dúvidas, questões difíceis de saciar na nossa biblioteca que dispunha das publicações do I.C.P., de obras de Camões, Cesário, Pessoa, Oliveira Martins e Oliveira Marques, de um prontuário de ortografia, de nenhuma gramática, de um cobiçadíssimo dicionário de verbos e de pouco mais. A época das fotocópias e da internet ainda vinha longe e o livro não perdera o estatuto de instrumento e objecto essencial. Espantava-me a capacidade de estudantes do 2º ano para seguirem as minhas aulas de duas densas horas de História de Portugal; a rapidez com que os do 1º progrediam. Raramente voltei a encontrar alunos tão interessados, nunca tantos. Alguns viriam a ficar na universidade – a Magda, o István; a Laura a traduzir «O Memorial do Convento», a Judit, o Kálmán, os outros perdi-os de vista...

Para além da pequena equipa do embaixador Lopes Vieira, que logo me fizeram sentir «em casa», e de duas estudantes bolseiras de áreas científicas não dei pela existência de mais portugueses em Budapeste. Concentrava assim tarefas adicionais: lições particulares, contactos com editoras, revisões de manuais, breves traduções e diminutas prestações de «trabalho intelectual» que não me habituara a que fossem como aí meticulosamente remuneradas. Mas conseguia tempo para estar com os amigos – a escassez de telefones privados desencorajava o meio de convívio –, para conhecer a cidade e outros lugares. Levaram-me a Szentendre, uma colónia de artistas, à católica Esztergom, ao lago Balaton; só conheci a «puzsta», a grande estepe com os seus cavalos selvagens, pelas pinturas fantásticas de Csontváry cujo museu em Pécs já não cheguei a visitar.

Budapeste, constituída pela plana Pest e pelas colinas de Buda ladeando o Danúbio, com pontes ligando as margens e ilhas dispersas, o Vár, a fortaleza, no cimo, com o Hilton, o então novo-rico concorrente do tradicional Gellért à beira rio, era e é uma belíssima cidade.

O medieval, o barroco, o Jugendstil e uma moderna monótona «arquitectura» funcional marcavam áreas históricas, cosmopolitas, comerciais e residenciais invadidas pelo encanto de campos, jardins, arvoredos, pequenas quintas e pátios. Nas ruas onde os «Ikarus», os autocarros longos ainda

inexistentes em Lisboa, circulavam, rareavam os automóveis. A população abrangia grupos exógenos – romenos da Transilvânia vendendo bordados, indesejados ciganos em estações de metro, recentes magnatas árabes cruzando a Váci. A presença soviética, tão discreta quanto possível, não deixou de me sobressaltar uma noite a altas horas com um interminável desfile de dezenas de tanques – uma simples mudança de aquartelamento...

Percorrer a cidade era um dos meus prazeres: entrar nas minúsculas lojas de permitido comércio familiar, com produtos hortícolas e massas caseiras ou imaginativas roupas de confecção original, contrastantes com os por vezes espantadamente guarneceados armazéns estatais; sentar-me em cafés ou esplanadas onde o café era excelente; esquecer-me das horas em livrarias onde o preço dos livros os facultava a todos e as elevadas tiragens atestavam a procura. E naturalmente havia a música, tão acessível como as outras formas de cultura: os concertos, os espectáculos na Ópera ou no Erkel. Descobrir no Museu das Belas-Artes um quinhentista «Ecce Homo» português, irmão do que está nas Janelas Verdes, a celebração da Páscoa ortodoxa na igreja grega, o virtuosismo das crianças da escola cantando Kodály, as visitas de Bresnjev e Ramalho Eanes, o encerramento de uma matutina cerimónia académica com um brinde de destiladíssima Barack Pálinka, as duzentas braçadas na piscina do Lukács Fördő antes da aula das 8 fazem parte das muitas surpresas e experiências budapestinas.

Despedi-me de Budapeste no Verão, acabadas as aulas e passados exames: depois da floração dos lilazes e da maturação das cerejas no quintal do velho casal de camponeses meus vizinhos na Karolina út. Chamavam-me a família e um lugar de assistente na U.N.L.

2006. Olho para trás. As memórias húngaras não cabem nestas linhas. Foi um tempo de intenso trabalho, emocionante e gratificante como só é quando se participa na criação e construção de algo novo. O propósito de Zoltán Rózsa concretizou-se: formou-se a primeira geração de lusitanistas. De então para cá muita coisa aconteceu. Nasceram crianças, amigos morreram; o leitorado institucionalizou-se, o Departamento de Português, agora dirigido pelo Ferenc Pál, transferiu-se para outro edifício; Portugal, a já não tão jovem democracia, e a Hungria, pós-dissolução do bloco soviético, entraram para a Comunidade Europeia...

E agora? É para o presente que serve lembrar o passado, logo a crónica talvez não seja anacrónica. Porque para além dos jogos de palavras e dos relatos

de faits divers há um fundo actual, que importa: a curiosidade pelo outro, o interesse pelo diferente, a procura de comunicação e compreensão mútuas – são eles a base da tolerância, respeito e solidariedade, o caminho para um melhor conhecimento de nós próprios, género humano, em toda a nossa riqueza. E aqui o diálogo cultural, teoricamente menos centrado no lucro imediato de grupos do que na mais permanente sensibilidade e inteligência gerais, pode tomar-se in extremis o único factor estruturante de futuro, levando as instâncias decisórias a optar por uma eficaz preservação da nossa espécie: cultivando um homem mais humano e uma Terra mais pacífica, agradável e feliz – a velha utopia que desde Platão a Marx, não obstante todas as tentativas falhadas de realização, continua viva no espírito das sociedades. Gostava de fechar com um curto poema de Zoltán Zelk: «E todavia todavia todavia / e todavia não não todavia / o vento apaga as luzes / mas acende o fogo dos poemas / então todavia todavia todavia»... A tradução é de Zoltán Rózsa e José Blanc de Portugal.

Teresa Balté

Jornal de Letras, 18 de Julho 2006



Sem Título

Técnica mista s/ papel,
50 x 37 cm, c. 1985



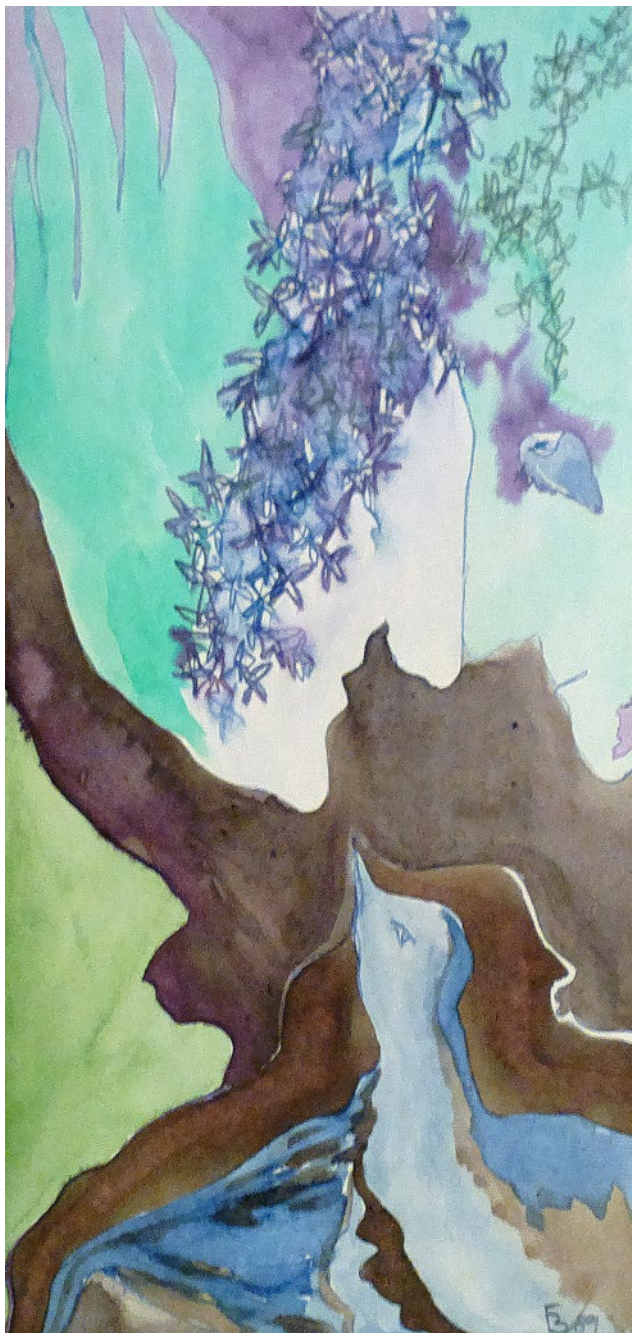
Sem Título
Técnica mista s/ papel,
75 x 54 cm, 1987



Sem Título
Técnica mista s/ cartolina,
21 x 10,5 cm, 1989



Sem Título
Técnica mista s/ cartolina,
21 x 10,5 cm, 1989



Sem Título
Técnica mista s/ cartolina,
21 x 10,5 cm, 1989



Sem Título
Técnica mista s/ cartolina,
10,5 x 21 cm, 1989

Teresa Balté - Currículo

Nasceu em Lisboa, em 1942. Estudou Filologia Germânica e Filosofia em Lisboa e Hamburgo; Literatura Comparada em Chicago; e Música em Lisboa com Francine Benoit. Trabalhou como tradutora e redactora para a revista “Humboldt”; fez crítica musical para o “Diário de Lisboa” e o “Jornal do Comércio”; e secretariou acções de apoio a refugiados. Em 1977-1978 colaborou com o Instituto de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa; em 1979 foi leitora de Português na ELTE de Budapeste; em 1980-2005 ensinou no Departamento de Estudos Alemães da UN de Lisboa. Traduziu autores alemães (Büchner, Brecht, Erich Fried, Günter Kunert, etc.) e húngaros (Ady, Attila József, Radnóti, etc.). Publicou poesia: Jogos, Lisboa 1962; Estações, Lisboa 1967; Horizontes Portáteis, Inova, Porto 1977; Metamorfoses, O Oiro do Dia, Porto 1980; Mediações, Contexto, Lisboa 1983; 10 Poemas Ingénuos e 1 Postfácio, O Oiro do Dia, Porto 1983; Poemas dos Últimos Anos, D. Quixote, Lisboa 1990; Sub Specie Eternitatis, Asa, Porto 2003; Poesia Quase Toda, Asa, Porto 2004; e as histórias para crianças: A Abelha Zulmira, Asa, Porto 1979; e O País Azul, Porto Editora, Porto 1990. Autora do volume Hein Semke. A Coragem de Ser Rosto, INCM, Lisboa 1989, publicou em conjunto com o escultor Hein Semke O Livro dos Peixes ou O Aquário de Papel, Hugin, Lisboa 1997. Pintando descontinuadamente, participou em mostras colectivas e expôs individualmente no Clube 50, em 1986 e 1992, e na Galeria Bertrand, em 1988.



Sem Título
Técnica mista s/ cartolina,
10,5 x 21 cm, 1989



Coral
Técnica mista s/ papel,
37,5 x 25 cm, 1989

Passagem

Paro diante da montra da agência. Desenhados a branco, sobre o vidro, as linhas dos destinos e os símbolos: o Big Ben, a Fortaleza, a Torre. – Subo ao topo, olho a cidade, penso: sem ela Paris será Paris? Deixará de ser tudo como vemos: a noite, o dia...? – Viajo pelo tempo, com a palma da mão afago o rio da fonte até à foz, lembro-me e esqueço. Então a luz muda e atravesso

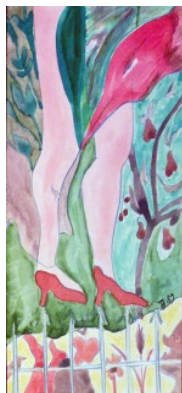
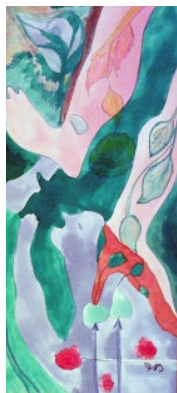
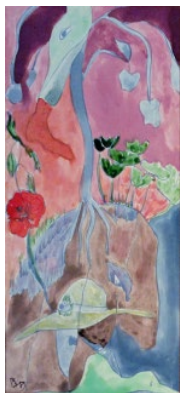
*Teresa Balté
poemas inéditos*

50 anos depois

das palavras à pintura revelada

É justo referir que as obras de que se apresentam nesta exposição foram “descobertas” por via da sua oferta a Cruzeiro Seixas, que apadrinha a mostra cedendo-as. É igualmente importante salientar que a maioria das obras, tendo sido realizadas a partir da década de 1960, esteve guardada longe do olhar durante todo este tempo, como que à espera que se lhes fosse feita justiça, revelando-as com a dignidade que merecem, pois que se trata de uma criação plena de autenticidade, chama, rasgo poético e beleza. É ainda obrigatório agradecer à autora, Teresa Balté, ter facilitado e contribuído para que esta magnífica exposição fosse possível realizar na Perve Galeria e ao Artur do Cruzeiro Seixas por, uma vez mais, ter-nos revelado uma notável artista e um belíssimo caminho a (com ela) percorrer.

Carlos Cabral Nunes



O Sapato Perdido (políptico)

Técnica mista s/ cartolina,

5 a 21 x 10,5 cm, 1989

Ficha Técnica

Conceito e Curadoria
Carlos Cabral Nunes

Direção Executiva
Nuno Espinho

Produção e Comunicação
Graça Rodrigues

Design Gráfico
CCN & Nelson Chantre

Montagem
Marta Ribeiro
Viktoriya Zoriy

Produção
Colectivo Multimédia Perve

Impressão
Perve Global, Lda

Organização
Colectivo Multimédia Perve



Perve Galeria

Rua das Escolas Gerais nº 17 e 19

1100-218 Lisboa

www.pervegaleria.eu

casadaliberdade@pervegaleria.eu

Horário: 3ª a sábado das 14h às 20h

tel. 218822607/8 - tm. 912521450

Fotografias - Direitos reservados

Photo - All rights reserved



Sem Título

Técnica mista s/ papel,
86 x 61 cm, c. 1968



Transportes: Metropolitano de Santa Apolónia
[Linha Azul] e Eléctrico 28

Estacionamento gratuito: Largo da Igreja de
S. Vicente de Fora e Largo da Feira da Ladra
[excepto 3ª feira e sábado]